Parece-me que só eu e vocês sabemos que a Fantagraphics é a melhor editora de BD do mundo.

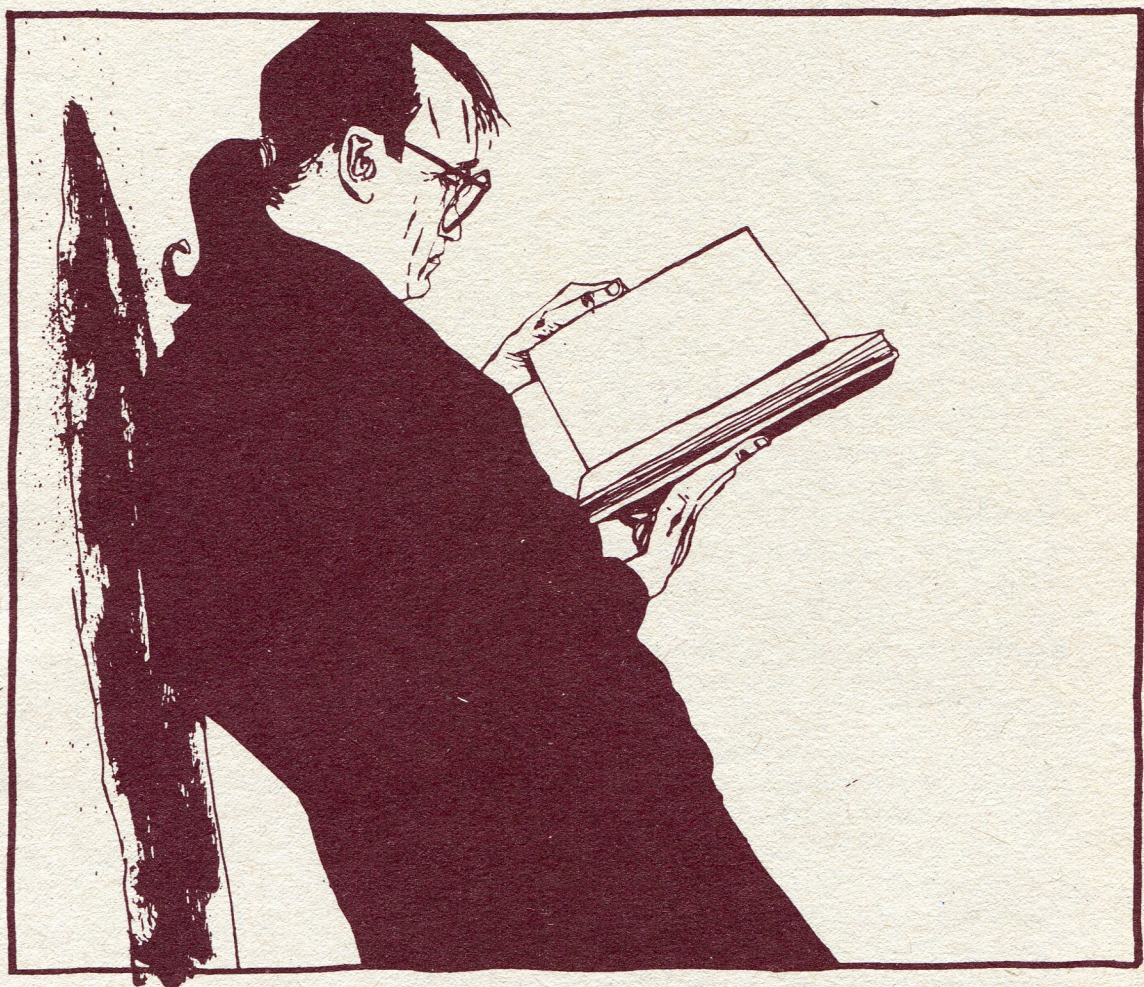
Domingos Isabelinho

ninguém compreende

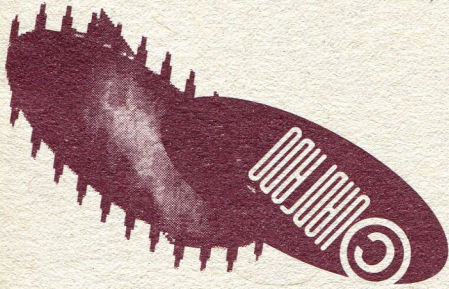
José Rui Fernandes

O número um esteve pronto, formato comic book, capa com um verde metálico. Era para sair dia 15 de Abril. Depois começaram os problemas, bastante incomuns, diga-se, pois não foram nem dinheiro nem desentendimentos com ninguém, apenas azares atrás de azares. Este exemplar que têm na mão, é considerado o número 2, embora esteja datado de Maio e ostente o número 1 na capa. O primeiro exemplar nunca saiu. Hoje é já uma raridade de zero exemplares. Apenas existe uma maquete a testemunhar a sua existência. É apenas assim que é.

Claro que depois destes fiascos, já ninguém pensa em mensalidade, apenas em continuidade. As assinaturas serão feitas na base da unidade, não na base temporal. Assim, uma assinatura de 6 exemplares custa apenas 1.900$00. Os "porquês" e "porque nãos" da Quadrado estavam no primeiro editorial, que agora para nós já não faz muito sentido. Mas nem tudo é mau, a grande parte dos artigos foram recuperados, portanto podem consumi-los nesta espécie de primeiro exemplar. Quadrado é a revista que nunca teve número um.

Saudações especiais para aqueles que assinaram (isso mesmo, temos assinantes) esta aventura mesmo sem verem provas nenhumas de nada. Também para aqueles que de uma maneira ou de outra, já manifestaram o desejo e disponibilidade para colaborar no projecto: Carlos Claro, Pedro Cleto, José Carlos Fernandes, Domingos Isabelinho, João Lameiras, Júlio Moreira, Nuno Nisa, João Ramalho, Agonia Sampaio. No fundo, na Banda Desenhada, é como em tudo: há aqueles que andam para a frente e fazem alguma coisa, e os que vêm atrás a criticar.

Cages de Dave McKean

É sempre difícil olhar para trás, para trabalho já feito. A auto-avaliação é um processo complexo, que exige um elevado grau de distanciamento em relação a algo que nos diz bastante. Ninguém sabe isso melhor do que um pintor. Um pintor tem necessariamente de se questionar a todo o momento, de saber o que é imprescindível e o que é acessório. São raras as obras que nos transmitem esta dificuldade da criação, esta depuração dos sentidos, das emoções e a sua transmissão para o papel. *La Belle Noiseuse* foi uma dessas obras. *Cages*, de Dave McKean, é outra. É pena que poucos em Portugal tenham acesso a esta magnífica Banda Desenhada. **Nuno A. N. Correia**

Maio de 1993. Número 1

Editores
Nuno A. N. Correia
José Rui Fernandes

Design
José Rui Fernandes

Design Adicional
Susana Paiva

Palavras
Pedro Cleto
Nuno A. N. Correia
José Rui Fernandes

Imagens
José Carlos Fernandes

Assinatura
A revista Quadrado é editada mensalmente (pelo menos tentamos) e está disponível por assinatura:
6 números - 1.900$00
12 números - 3.600$00
Cheque ou vale postal à ordem de Associação Neuromanso.

Contribuições
Os artigos e BDs publicadas são da inteira responsabilidade dos seus autores.
Enviem textos e BDs ao cuidado dos editores para o Apartado 4122, Senhora da Hora - 4450 Matosinhos.
Prazo limite para o envio de textos e arte para o número 3: 31 de Maio de 1993.

Caixa de Ferramentas
Hardware
NeXTstation Turbo Color, 16/400Mb. Macintosh II VX, 5/230Mb. PC Triumph-Adler 286, 4/44Mb. Monitores de 14" e 17". Impressora Laser 400dpi NeXT. Impressora Laser 300dpi U-Max. Impressora HP DeskWrite 550C. Scanner HSD 2400dpi. Saída final em Imagesetter Agfa Compugraphic 9400.
Software
Adobe Illustrator V3.0 (NeXT), Altsys Virtuoso (NeXT), para ilustrações, paginação e tratamento especial de texto. Appsoft Image (NeXT) para tratamento de imagem e retoques, Write Now (NeXT) e Word (Mac e Windows) para tratamento de texto.

Agradecemos
BDTeca Comicarte, DC Comics, Fábrica de Papel Fontes, Instituto da Juventude, RA - Sistemas Informáticos, Eng. Jorge Rocha, Eng. Delfim Sousa, T&Q Comércio Internacional, Universidade do Minho - Departamento de Informática, Vantec

Morada
Mudaram-nos o número do apartado. É altura de mudarem os vossos ficheiros.
~~Apartado 4122~~
Senhora da Hora
4450 Matosinhos
Portugal

©onteúdo

Dark Horse

Já saiu a muito aguardada nova obra de Alan Moore, *A Small Killing*, com desenhos de Oscar Zarate e editada pela Dark Horse. O tema desta BD é a traição e outros pequenos pecados quotidianos com os quais convivemos. Por falar em Dark Horse, esta editora acaba de publicar uma reedição das histórias curtas de Concrete editadas entre 85 e 89. Estas histórias de Paul Chadwick apareceram original-mente na antologia Dark Horse Presents. Muito recomendável. NC

III Certame Ourense de Banda Desenada

É o terceiro concurso de Banda Desenhada de Ourense, aberto às participações portuguesas. Para quem não sabe, os portugueses têm feito um sucesso neste certame, com várias participações e prémios, nomeadamente José Carlos Fernandes e Vicente Sardinha entre outros. Este ano, o formato aceite é o A3 ou proporcional, com um mínimo de duas pranchas e um máximo de seis. O tema é livre e o prazo acaba dia 10 de Junho. Podem enviar a arte para: Rua Celso Emilio Ferreiro, 27 - 32004 Ourense. Lembrem-se de enviar à parte um envelope com os vossos dados (incluindo fotocópia do BI e o título da obra por fora). JRF

Sinais de Fumo

Epic

A Epic apresentou já o seu plano de lançamentos para 93. Entre os projectos mais fortes contam-se *Lawdog*, de Chuck Dixon e Flint Henry (uma personagem muito semelhante a Grimjack, da editora First, para a qual estes autores trabalha-vam), *Spike*, uma mini-série de Mike Baron e Bill Reinhold (dois autores que já haviam trabalhado juntos em *Badger*, também da First), *Midnight Men*, escrito e desenhado por Howard Chaykin e *The Harrowers*, uma nova creação de Clive Barker, para a qual vão contribuir equipas rotativas de autores, das quais fazem parte Simon Bisley, Kelley Jones e Sam Keith. NC

Image

A editora Image está com grande força. Para além de já ser totalmente independente da editora Malibu Comics, da qual nasceu, as propostas da Image revelam-se mais interessantes do que os cépticos esperavam. O primeiro passo foi tomado por Todd McFarlane ao convidadar Alan Moore, Neil Gaiman, Dave Sim e Frank Miller para assinar os argumentos, respectivamente, dos números 8 a 11 da sua revista *Spawn*, defendendo-se das acusações de só ter argumentos fraquíssimos para acompanhar os seus rendilhados visuais. Posteriormente, surgiram duas revistas na linha da Image que surpreenderam tudo e todos: *1963 - Mystery Theatre*, de Alan Moore, Rich Veitch e Dave Gibbons e *Phantom Force*, de Jack Kirby. Lembramos aos nossos leitores que Alan Moore havia jurado a pés juntos que nem morto faria outra BD de super-herois e que Kirby já tem idade para ficar em casa a contar historinhas aos bisnetos. NC

Sandman atinge 50

Uma revista número 50, é sempre ocasião para celebrar. Tratando-se de algo com esta qualidade, é um acontecimento! Neil Gaiman e P. Craig Russel oferecem mais uma história muito especial, *Ramadan*, onde um rei procura a imortalidade nos cenários paradisíacos de Bagdad (pré guerra do golfo). A capa será mais uma vez de Dave McKean. Como bónus de luxo, uma galeria de interpretações do Sandman, com Dave McKean (sempre ele), Todd McFarlane, Scott McLeod, Mike Kaluta, John Totleben, Michael Zulli e Jill Karla Schwartz. Em Abril nos EUA. JRF

2º Concurso de Banda Desenhada Loulé 93

Promovido pela Câmara Municipal de Loulé está a decorrer (ou estava) o 2º Concurso de Banda Desenhada. O tema é livre, e como sub-tema existe "O Ambiente". São aceites todas as obras em português que não tenham sido premiadas em concursos anteriores, em formato A4 ou A3. O prazo para entrega dos trabalhos é 30 de Abril de 1993. Os resultados serão divulgados até 31 de Maio de 1993 e os trabalhos expostos na Galeria de Arte do Convento Espírito Santo. Câmara Municipal de Loulé - Divisão da Juventude - 8100 Loulé. JRF

Super-Homem Já de Volta!

A DC, continua a ter como principal suporte da sua faceta comercialóide o desgastado Super-Homem. Depois de morto, não o deixam descansar em paz e ei-lo já de volta com os títulos do costume, e com as *Adventures of Superman* #500. Estas edições, pós "morte", são luxuosas e as capas estão cheias de rodriguinhos, com sobrecapas translúcidas e outras extravagâncias. Além disso, utilizam uma das últimas técnicas de impressão a cores, o que proporciona uma paleta de cores alargada. Portanto, depois de ter editado o comic que mais depressa se vendeu, a DC volta à carga com o já referido *Adventures of Superman* #500 (e 501), *Superman* #78, *Action Comics* #687 e *Superman: The Man of Steel* #22. Todas estas edições são classificadas como "edições de coleccionador". Como dá para notar, o filão longe de estar esgotado, está renovado, e a DC em termos de marketing sabe o que faz. É que estas edições Super (porque super-vendáveis), são um dos suportes para muitas das melhores obras da Banda Desenhada mundial da última década (e que estão a ter um seguimento em 93 com a linha Vertigo). JRF

Gregory III

Mark Hempel retorna com mais este *Gregory* da Piranha Press. Gregory é o nome do mais pequeno e amado miúdo do mundo. Para quem não sabe, Gregory é um bocado doido, e vive dentro de uma camisa de forças. Este número, continua com a ironia e irreverência de Hempel, e como bónus, tem algo que se chama Gregory-Vision, que pelo que consta é uma visão do mundo como Gregory o vê. Sai em Maio nos EUA, e certamente será mais um Best-Seller da Piranha. JRF

Fantagraphics

O último catálogo da Fantagraphics está recheado de boa Banda Desenhada, como sempre. Destaque para o último volume de Peter Bagge, *The Bradleys*, a história da família mais disfuncional de sempre. Esqueçam os Simpsons! Os Bros Hernandez continuam a comemorar os dez anos de Love & Rockets, e espera-se o número 10 da colecção, em breve. Também saiu Birdland - a série porno de Gilbert Hernandez - em *Paperback*. Will Eisner também tem um lugar de destaque, com muitas e interessantes edições, assim como clássicos de sempre como Milton Caniff, Al Capp, Roy Crane, Harold Gray e Winsor McKay entre muitos outros. Como diria o Domingos Isabelinho, é a melhor editora de BD do mundo. JRF

Vertigo Visions

É um novo título de suporte para histórias curtas dos mais negros personagens do universo DC. No primeiro número, reaparece The Geek, um personagem criado em 1968 por Joe Simon e recuperado por Neil Gaiman em 1989 no anual Swamp Thing. Com uma caracterização profunda, atmosfera arrepiante e pesada irreverência que caracteriza outras séries de sucesso da linha Vertigo, como *Doom Patrol* e *Enigma*, The Geek distingue-se pela desconcertante inocência do seu personagem principal, que volta para lutar pela sua alma. Está escrito por Rachell Pollack e desenhado por Michael Dalton Allred e sai em Abril nos EUA. JRF

7º SIBDP

O 7º Salão Internacional de Banda Desenhada do Porto, será uma realidade de 1 a 10 de Outubro, no Mercado Ferreira Borges. O tema é A Banda Desenhada Americana, e esperam-se algumas boas surpresas. A organização está a cargo do Clube Comicarte e da Associação Neuromanso, e conta com o apoio da Câmara Municipal do Porto. No próximo número esperem por uma secção chamada "O Diário do Salão", ou coisa que o valha. JRF

Critério

The Mythology of an Abandoned City
Jon J. Muth
Tundra, 56 Págs, P/B e Cor, $9.95 US

Lamento, por vezes, não pertencer à geração que acompanhou a época áurea de revistas como a Metal Hurlant, (A Suivre), Heavy Metal e Epic Ilustrated. Há editoras, contudo, empenhadas em minorar o meu sofrimento. Uma delas é a Tundra, que inclusivé comprou os direitos das BDs publicadas na Heavy Metal. Para além disso, vai publicando umas Graphic Novels com histórias vindas da Epic Ilustrated. É o caso de The Mythology of an Abandoned City, de Jon J Muth (o autor de BDs tão importantes como Moonshadow, Dracula GN, M e Havoc & Wolverine). Como quase toda a obra deste autor, esta BD é onírica, surrealista, introspectiva e muito bem desenhada - pura poesia visual. Como se isto já não fosse o suficiente para recomendar a obra, ela contém ainda um capítulo inédito, num registo um pouco diferente, a fazer lembrar M. Mais uma luxuosa edição da Tundra. NC ■■■■

Epicurus the Sage II
William Messner-Loebs e Sam Kieth
Piranha Press, 48 Págs, Cor, $9.95 US

Quantas vezes, enquanto estudávamos filosofia na escola secundária, nos parecia extremamente imbecil e hilariante a forma de pensar dos filósofos gregos? William Messner-Loebs explora de forma admirável o humor da "estupidez disfarçada de filosofia" dos pseudo-génios gregos, misturando-a com um pouco de mitologia e história. O resultado, adicionados os magníficos desenhos de Sam Kieth, é Epicurus the Sage. Neste segundo capítulo, encontrámos o nosso herói Epicurus a tentar resolver um problema resultante dos muitos amores de Zeus e dos ciúmes de Hera. Para quem quiser uma introdução ao mundo de Epicurus, aconselho o primeiro volume, bastante mais bem conseguido a nível de argumento e desenho. Sam Kieth, lamentavelmente, já anunciou que iria abandonar Epicurus para se dedicar aos seus projectos na editora Image. NC ■■■■

A Bela e a Fera
Trillo e Bernet
VHD Diffusion, 64 págs, PB, 465$00

Esta é a primeira "grande aventura animal" que chega a terras lusas. Tem tanto de idiota como de interessante. Os desenhos de Bernet, estilo Bernet são regulares, o argumento de Trillo nem por isso. É interessante a posição do narrador perante o leitor e os próprios personagens, muito pouco comum na BD. Quanto ao resto, apenas uma pista: quem é que nunca disse "olha para aquela boazona agarrada àquele macaco!". JRF ■■■

Sandman 41, 42
Neil Gaiman, Jill Thompson e Vince Locke
DC, 24 Págs, Cor, $1.50 US

Neil Gaiman parece ter acertado em cheio na escolha dos calaboradores para este novo capítulo de Sandman, intitulado Brief Lives. De facto, Vince Locke, vindo de Deadworld, e Jill Thompson, vinda de Corum e Elementals, parecem ser a equipa perfeita para esta BD. Em termos de argumento, este promete ser um dos pontos altos da série. À semelhança dos melhor conseguidos capítulos este Brief Lives centra-se na exploração do mito de Morpheus e da sua família. Neste caso, trata-se da tentativa de resolver o mistério da desaparição do irmão, sobre o qual o leitor sabe muito pouco para além do nome, Destruction. Nesta busca, Dream é acompanhado pela sua irmã Delirium, uma personagem extremamente complexa e interessante. A BD enriquece cada mês com mais um novo número de Sandman. NC ■■■■■

Ambush Bug (Nothing) Special
Keith Giffen
DC, 64 Págs, Cor, $2.50 US

The Heckler 1,2
Keith Giffen
DC, 22 Págs, Cor, $1.25 US

Keith Giffen é um nome que associamos imediatamente à boa disposição nos comics. Trata-se, afinal, do argumentista de Lobo e da primeira fase da Justice League. Recentemente, a DC permitiu-lhe concretizar dois projectos - um (nada de) especial dedicado à personagem Ambush Bug e uma série nova dedicada à personagem Heckler.

Ambush Bug (Nothing) Special tem um humor extremamente corrosivo. Ambush Bug é o Groo dos super-herois, visto segundo a perspectiva muito nonsense de Giffen. Esta personagem é um super-heroi falhado e falido que tenta deseperadamente um emprego junto da confraria de super-herois e outras entidades (chega mesmo a ir pedir ajuda a Sandman). Muito recomendável.

Hecler é um falhanço. Perdido entre a revista clássica de super-herois e o humor habitual de Giffen, esta BD tenta inclusivé servir-se de elementos narrativos complexos dos quais Giffen se socorreu, por exemplo, em Video Jack. O resultado não aquece nem arrefece, a não ser que se seja um grande admirador dos desenhos de Giffen. Mas o melhor é mesmo comprar a BD de Ambush Bug. Até porque a DC anunciou já que Heckler seria descontinuado no número 7. NC ■■■■ e ■■

Fish Police 1 a 4
Steve Moncuse
Marvel, 24 Págs, Cor, $1.25 US

A Marvel encontra-se neste momento a reeditar uma das preciosidades independentes dos anos oitenta, Fish Police. Na sua primeira edição, a preto e branco, Fish Police passou despercebido a muitos, apesar da sua grande acessibilidade. Esta BD tem agora a hipótese de ser descoberta pelo grande público, com a colorida edição da Marvel. De facto, a cor assenta como uma luva a esta BD, contribuindo para o seu ambiente leve e despreocupado. Fish Police narra-nos as desventuras de um peixe detective, cujas marcas registadas são o amor pela cerveja e o seu boné. Este peixe, no entanto, tem algumas dúvidas sobre a sua natureza e questiona-se frequentemente se em alguma vez foi humano... Sem ambições de maior, Fish Police serve para passar uns momentos divertidos.
NC ■■■

Robocop Versus Terminator 1 a 4
Frank Miller e Walt Simonson
Dark Horse, 32 Págs, Cor, $2.50 US

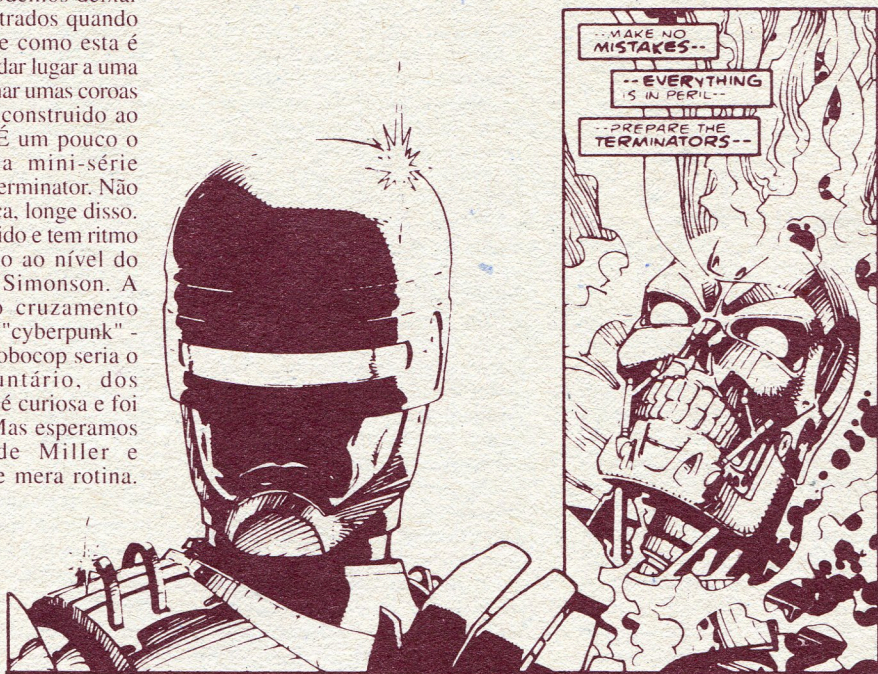
São raras as ocasiões em que autores de grande talento e sucesso como Frank Miller e Walt Simonson se juntam num projecto comum. E não podemos deixar de nos sentir frustrados quando uma oportunidade como esta é desperdiçada para dar lugar a uma tentativa de amealhar umas coroas à custa do nome construido ao longo dos anos. É um pouco o que acontece na mini-série Robocop versus Terminator. Não que a BD seja fraca, longe disso. O argumento é sólido e tem ritmo e os desenhos são ao nível do melhor de Walt Simonson. A premissa para o cruzamento destes dois mitos "cyberpunk" - segundo a qual Robocop seria o criador, involuntário, dos Exterminadores - é curiosa e foi bem explorada. Mas esperamos sempre mais de Miller e Simonson do que mera rotina.
NC ■■■

santos da casa

Vasco da Gama e A Índia
Carlos e Fernando Santos
Europress, 48 Págs, Cor

A Europresse de vez em quando (muito de vez em quando - a última vez foi há 7 ou 8 anos) lembra-se de publicar banda desenhada. E das quatro vezes que o fez, foi sempre portuguesa. Recentemente, voltou a estas lides, proporcionando a estreia dos célebres (em Viseu) Irmãos Santos, o Carlos e o Fernando, contando com a ajuda do Instituto Politécnico de Viseu, que patrocinou a edição, assegurando a compra de 1/5 dos 5000 exemplares editados (dos quais, aproveito para informar, 1500 cartonados e os restantes brochados e com abas, ao preço de, respectivamente, 1390$ e 1030$).

Mas deixemos a edição e passemos à obra propriamente dita. Suponho (o álbum nada diz) que este Vasco da Gama e a Índia, é uma das obras concorrentes ao Concurso Navegadores Portugueses de há dois anos (ou será três?), certame em que recebeu uma Menção Honrosa. O argumento do mano Santos, enferma do mesmo mal que grassa em quase toda a produção (dita) histórica lusa: encadeamento mais ou menos maçador e desgarrado de factos verídicos, o que lhe retira ritmo e capacidade de prender o leitor. No caso presente há uma tentativa de suavizar a narrativa com algumas pinceladas (breves e quase imperceptíveis) de humor, um pouco ao jeito do que Nuno Saraiva também tentou fazer em Os Dias de Bartolomeu (e esta comparação nada mais pretende dizer do que o que fica escrito). Isto no entanto não é suficiente para disfarçar completamente os defeitos apontados. O desenho do mano Santos, tem por óbvia inspiração Groo, o Bárbaro de Sérgio Aragonés, ganhando a este por ser mais limpo e desprovido de pormenores desnecessários, logo menos confuso. Perde, e muito, pela quase total ausência de caras vistas de frente, surgindo quase todos os personagens de lado ou a três quartos (bem ao estilo egípcio, se a minha memória "asterixiana" não me falha). Positiva - como raramente acontece em produções nacionais - é a cor obtida, pese embora os tons demasiado escuros de todo o álbum.

Uma última nota para lamentar que a este nível de publicação se cometam tantos erros ortográficos (o que não quer dizer que seja admissível noutros níveis - leia-se fanzines). Mais a mais tendo o descaramento de os coleccionar numa (quase) fotocópia que nos surge logo a abrir o álbum, e que retira a vontade de o ler.
PC ■■

Homem-Aranha: A Última Caçada de Kraven
J.M. DeMatteis, Mike Zeck, Bob McLeod e Ian Tetrault
Abril Jovem, 140 Págs, Cor, 600$00

Esta não é apenas mais uma aventura do aracnídeo predilecto das massas. É também uma das boas, muito em contraste com as tradicionais. Aqui, digamos que o Homem-Aranha perde o humor e mostra outra faceta da sua personalidade (ou do autor J.M DeMatteis). A falta das piadinhas sente-se desde o início, tornando o desenrolar da história pesado, interessante e imprevisível.

Na verdade, o personagem principal é o Kraven. Toda a trama anda de volta dele e da sua mente (um tema muito em voga nos EUA, a mente). O plano doentio que ele arquitecta, deixa aquele que deveria ser o herói, impotente e banalizado durante grande parte da história. Tudo decorre segundo o planeado por Kraven, mesmo o seu próprio fim.

Os desenhos de Mike Zeck são no estilo "músculos super desenvolvidos", mas bons, o que faz de mais esta recolha da Abril, uma proposta de leitura recomendável. JRF ■■■

Fulú - O Sortilégio
Carlos Trillo e Eduardo Risso
Meribérica, 48 Págs, Cor,

Que temos aqui? Uma escrava de poderes misteriosos, um bando de personagens sem características e uma história sem futuro. É o seguinte: por onde Fulú passa, os homens ficam de rastos e aproveitando-se disso, ela arranja maneira de acabar com a vida deles, num jogo de vinganças infantis. Em resumo, é um álbum que não caracteriza uma época, não aprofunda os personagens e não tem história de interesse. Os desenhos são tão incipientes quanto o argumento. JRF ■

Um Conto de Batman - Gothic
Grant Morrison, Klaus Janson, Steve Buccellato
Abril Jovem, 140 Págs, Cor, 600$00

Estes contos de Batman, da época em que "ele ainda não ostentava em seu peito a insígnia amarela", são, para dizer o mínimo, interessantes - mas o mais provável, é não passarem disso. Grant Morrison (Arkham Asylum) constrói um enredo violento e imoral, com gangsters e venda da alma ao diabo. Como resultado, temos uma série de flashbacks da infância de Bruce Wayne e uma grande coincidência. O vendedor da alma ao diabo - há centenas de anos atrás, na Austria - afinal também foi professor do coitado do Bruce.

Os desenhos de Klaus Janson e a cor de Steve Buccellato, ajudam a criar o ambiente gótico, que Gotham sempre teve e que está aqui exagerado e quase medieval. Esta série de contos é só para os verdadeiros apreciadores do Homem-Morcego. Os outros arriscam-se a sair desiludidos. JRF ■■■

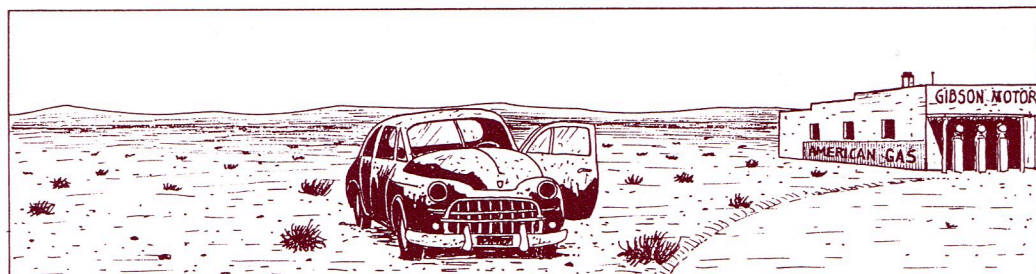
Os Melhores do Mundo
Dave Gibbons, Steve Rude, Karl Kesel, Steve Oliff
Abril Jovem, 140 Págs, Cor, 600$00

Dave Gibbons, além de desenhar bem (Watchmen), também sabe escrever. Aqui está, aquela que para mim é uma das melhores histórias do Super-Homem de sempre. E porque não, uma das muito interessantes do Batman. A trama, gira à volta de crianças criminosas e de uma migração de Lex Luthor para Gotham e do Joker (ridiculamente chamado Coringa) para Metropolis. Claro está, que os heróis migram junto com eles.

Acaba tudo por evoluir para uma guerra entre Luthor e um Joker impagável e doido varrido. A mistura destes dois universos, acaba por confirmar a maior consistência do mundo de Batman e dos seus personagens, mesmo quando tratados pelo mesmo argumentista. No conjunto, é uma história bem construída que dá gosto ler, tanto para quem goste do Batman, como para os fans do Super-Homem... ou para quem não goste de nenhum deles. JRF ■■■■

Árvore-Coração
Comès
Meribérica, 110 Págs, PB,

Comès, me parece, é um daqueles autores não comerciais, que inexplicavelmente entrou nas boas graças dos leitores portugueses. Junto com Moebius, Bilal e porventura um ou outro, as suas obras lá vão saindo - o que não deixa de ser surpreendente. Com este álbum, Comès mais uma vez prova por a+b que é um grande contador de histórias. Âmbar, repórter de guerra regressa a casa depois de ter sido "ferida em combate". Na verdade foi um regresso aos fantasmas da sua juventude - o bebé, o anão, o velho e a Árvore-Coração, o último dos refúgios. As Ardenas e a natureza humana, mais uma vez sublimemente retratadas por Comès, no melhor do seu traço a preto e branco. JRF ■■■■

As Jóias de Castafiore - Hergé também metia água. **A Inocente**. Por Amor à Arte. **Grandes Aventuras Animal Nº2 - Outra seca!** Calvin & Hobbes. **O Caso Van Rotten**. A Cidadela Cega. **Death - The High Cost of Living**. Enigma. **A1**. Fast Forward.
Tudo isto - e muito mais - no próximo número!

O DIA EM QUE CHOVEU PARA SEMPRE

Desenho e Argumento
JOSÉ CARLOS FERNANDES
segundo o conto "The day it rained forever" de
Ray Bradbury

SR. TERLE, NÃO ACHA QUE SERIA UMA BOA IDEIA INSTALAR AR CONDICIONADO NO SEU HOTEL?

NÃO TENHO DINHEIRO PARA ESSES LUXOS, SR. SMITH...

PORQUE DIABO É QUE NÃO FAZEMOS AS MALAS E NOS TOMOS A ANDAR PARA FORA DESTA FORNALHA, PARA UM LUGAR DECENTE?

E QUEM É QUE QUER COMPRAR UM HOTEL MORTO NUMA CIDADE FANTASMA? NÃO, VAMOS ESPERAR PELO GRANDE DIA... 29 DE JANEIRO.
JOE TERLE'S

JÁ NÃO TEMOS MUITO QUE ESPERAR. FALTAM 2 HORAS E 10 MINUTOS.

E NÃO VEJO UMA ÚNICA NUVEM NUM RAIO DE 10 000 MILHAS...

DESDE QUE NASCI
QUE CHOVE SEMPRE
A 29 DE JANEIRO.

ESTIVE A PENSAR...
VOLTARÁ A HAVER
OUTRA CORRIDA AO
OURO NESTAS TERRAS?

NEM OURO, NEM CHUVA.
NEM AMANHÃ, NEM DE-
POIS DE AMANHÃ, NEM DE-
POIS DE DEPOIS DE AMANHÃ.

NÃO VAI CHOVER
DURANTE O RESTO
DO ANO.

AMERICAN
AMOCO
GAS
THE SIGN OF

... O DIA AINDA É UMA CRIANÇA...

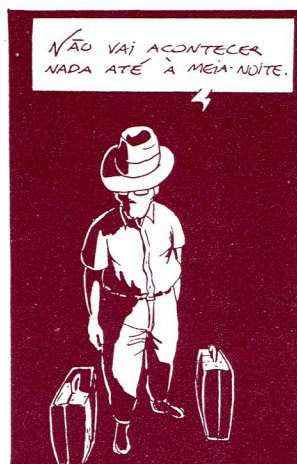
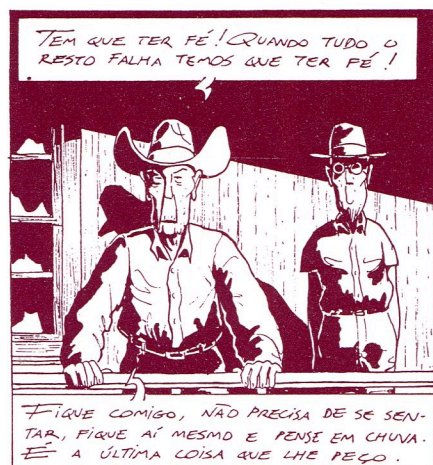
MAS EU NÃO SOU...

VOU PARA O MEU QUARTO E JURO QUE NÃO ME VOLTO A LEVANTAR DA CAMA ENQUANTO NÃO OUVIR O RAIO DE UM AGUACEIRO A CAIR SOBRE O TELHADO!

PLIK PLIK
PLINK
PLIK

Sr. Terle!
Eu sei que isso não é chuva! É você com a mangueira no telhado!
Acabe com isso!
AMERICAN AMOCO GAS
590-990
Sr. Smith!!! Não pode partir! Ao fim de 30 anos!
Consta que na Irlanda chove 20 dias por mês.
Vou arranjar lá um emprego e andarei pela rua sem chapéu e de boca aberta!
Não pode partir!!!
Vejamos... ah... deve-me 22 anos de estadia! São pelo menos 9000 dólares!

DESCULPE... NÃO ERA ISTO QUE EU QUERIA DIZER...

ESCUTE... VÁ PARA SEATTLE, LÁ CHOVE UNS 50 mm POR SEMANA. PAGUE QUANDO PUDER OU NUNCA...
MAS FAÇA-ME UM FAVOR: ESPERE ATÉ À MEIA-NOITE. DE QUALQUER MANEIRA, ESTARÁ MAIS FRESCO PARA CAMINHAR ATÉ À CIDADE...

NÃO VAI ACONTECER NADA ATÉ À MEIA-NOITE.

TEM QUE TER FÉ! QUANDO TUDO O RESTO FALHA TEMOS QUE TER FÉ!
FIQUE COMIGO, NÃO PRECISA DE SE SENTAR, FIQUE AÍ MESMO E PENSE EM CHUVA. É A ÚLTIMA COISA QUE LHE PEÇO.

RRRRRRROAR
TROVOADA...

RRROAR

ROAR
VROP
CLUNK

VROP
VROP
CLUNK
BANG

EU... UH... PENSÁMOS QUE FOSSE... UH...

MISS BLANCHE HILLGOOD. LICENCIADA PELO GRINNELL COLLEGE, PROFESSORA DE MÚSICA, 30 ANOS A DIRIGIR A ORQUESTRA DE ESTUDANTES DE GREEN CITY, IOWA...
MUITO PRAZER
... 20 ANOS A DAR LIÇÕES PARTICULARES DE PIANO, HARPA E CANTO, REFORMADA HÁ UMA SEMANA, EM VIAGEM PARA A CALIFÓRNIA...

Terle, Joe Terle...
Miss Hillgood, receio que não vá a mais nenhum lado nesse... uh ...veículo...

Convido-a a passar a noite no Joe Terle's Desert Hotel...
Amanhã de manhã levo-a no meu carro até à cidade.

Tenho muito gosto em aceitar o seu convite. Pode fazer-me o favor de ajudar a retirar a minha bagagem?

Que diabo de geringonça levam vocês aí?

Cuidado!
CLOING

Quem terá sido o idiota que deixou as malas atravessadas na entrada?
CLOING?

Eh, pois, são as minhas malas...

PHONE 39546
F.M. POINTER
The Old Reliable
HOUSE MOVER

...E DESDE ENTÃO LEVEI A MINHA VIDA A CORRER ENTRE BRAHMS E BEETHOVEN. MAL REPAREI QUANDO FIZ 30 ANOS. QUANDO DEI POR MIM TINHA 50. E A SEMANA PASSADA FIZ 72...

...SÓ ENTÃO PERCEBI QUE TINHA ANDADO A VOAR SÒZINHA! NINGUÉM EM GREEN CITY SE IMPORTA SE VOAMOS OU QUÃO ALTO VOAMOS...
É SEMPRE "EXCELENTE, BLANCHE" OU "OBRIGADO PELO SEU RECITAL, MISS HILLGOOD"...

...MAS NINGUÉM PRESTA REALMENTE ATENÇÃO...

...ACABEI POR DECIDIR QUE ERA ALTURA DE TOCAR PARA ALGUÉM QUE ESCUTASSE... E PUS-ME A CAMINHO DA CALIFÓRNIA...

É ALTURA DE PAGAR A ESTUPENDA CEIA QUE O SR. TERLE PREPAROU...

É POR CONTA DA CASA...

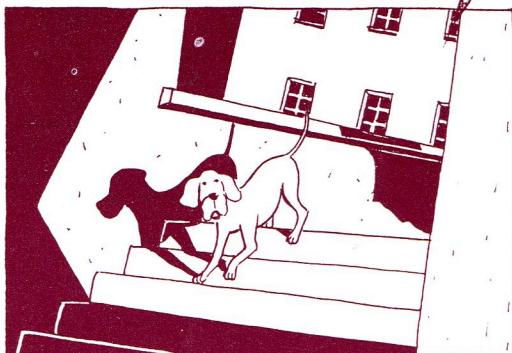
MAS EU FAÇO QUESTÃO DE PAGÁ-LA...

OH!

SR. TERLE! SR. SMITH!
QUE DIABO SE PASSA AÍ EM BAIXO?
PLINK
PLIK
PLINK
PLINK
PLUK
PLIK
PLIK
PLINK PLIK
PLUK
PLINK
PLIK
PLINK
PLINK
PLIK
PLIK
PLIK
PLINK
PLINK PLIK
PLIK
PLIK
PLIK
PLIK
'S DES
PLIK
PLINK PLIK
PLIK PLINK
PLINK
PLINK
PLIK

JOD 106

A VOZ DO DONO

UM DOS ESTIGMAS DA B.D., APONTAM OS CRÍTICOS, É A SUPERFICIALIDADE DOS ENREDOS, ENVOLVENDO 2 OU 3 FIGURAS GROSSEIRAS, O TERMO PERSONAGEM É DESLOCADO EM CRIATURAS COM A ESPESSURA PSICOLÓGICA DA FOLHA EM QUE SÃO DESENHADAS, QUE DEPOIS DE 48 PRANCHAS DE AVENTURAS ESPATAFÚRDIAS, RECHEADAS DE CLICHÉS DO TIPO "UF, JULGUEI QUE OS MEUS PULMÕES IAM REBENTAR", ACABAM POR DESENTERRAR UM TESOURO VIKING, DESMANTELAR UMA REDE DE CONTRABANDISTAS, RECUPERAR UM CACHIMBO DESAPARECIDO, OU QUALQUER OUTRA TRIVIALIDADE DO GÉNERO.

CONTRARIANDO ESTA VOZ CORRENTE, PASSAREMOS A DEMONSTRAR QUE A B.D. É CAPAZ DE ABORDAR QUESTÕES DE NATUREZA METAFÍSICA, COMO A VIDA DEPOIS DA MORTE, O DESTINO, O LIVRE ARBÍTRIO E A INESCRUTABILIDADE DOS DESÍGNIOS DIVINOS, ENFIM, DE MERGULHAR EM ASSUNTOS DE GRANDE FÔLEGO E PROFUNDIDADE (UF, JULGUEI QUE OS MEUS PULMÕES IAM REBENTAR).

ARLINDO FAGUNDES, APANHADOR DE CÃES DE 2ª CLASSE, VIVEU 53 ANOS BILIOSOS E MESQUINHOS, 36 DOS QUAIS NO DESEMPENHO DAS FUNÇÕES ACIMA MENCIONADAS, DURANTE OS QUAIS NINGUÉM LHE OUVIU UMA PALAVRA BONDOSA OU PRESENCIOU UMA ACÇÃO GENEROSA.

(1)

APÓS TER CAPTURADO NA SUA CARREIRA MATILHAS DE MASTINS, DEFRONTADO BOXERS, BULDOGUES, DOBERMANS E OUTRA CÃOZOADA TRAIÇOEIRA E DE MÁ CATADURA, NÃO TENDO SEQUER RECUADO PERANTE UM MOLOSSO RAIVOSO QUE PUSERA A CIDADE EM POLVOROSA, ACABOU POR SUCUMBIR A UMA SEPTICEMIA RESULTANTE DE UMA MORDEDURA INFLIGIDA POR UM CHIHUAHUA CHAMADO PEDRO, IRONIA DO DESTINO, APRESSAR-SE-ÃO A COMENTAR QUEM TEM POR HÁBITO ATRIBUIR AO DESTINO FACÉCIAS DE TÃO MAU-GOSTO COMO UMA SEPTICEMIA.

IMPÕE-SE AGORA A PERGUNTA, MERECERÁ ESTA ALMA, AO QUE TUDO INDICA TÃO DESGUARNECIDA DE VIRTUDES, O PERDÃO E A GRAÇA DIVINOS, E A CONSEQUENTE ADMISSÃO NO PARAÍSO, SABIDO É QUE AS VOZES DOS CÃES NÃO CHEGAM AO CÉU, SENÃO ERA MAIS QUE CERTO O ENVIO DE ARLINDO FAGUNDES PARA AS PENAS ETERNAS, TÊM OS CANÍDEOS NÃO POUCAS RAZÕES DE AGRAVO CONTRA O FALECIDO.

ORA ACONTECEU QUE NO DIA DO FUNERAL, SEGUIA O FÉRETRO UM RAREFEITO CORTEJO FÚNEBRE, INDÍCIO SEGURO DE QUE ARLINDO FAGUNDES NÃO ERA BEMQUISTO NA TERRA, SE O ERA NO CÉU É O QUE ESTAMOS A TENTAR DESTRINÇAR, NESSE DIA, DIZÍAMOS, SURGIU UMA REVOADA DE ANJOS ENTOANDO "OH NÃO, CALDO DE GALINHA OUTRA VEZ", PALAVRAS QUE MESMO CANTADAS POR VOZES SUAVÍSSIMAS E ORNADAS COM PROFUSÃO DE MELISMAS, SÃO INSÓLITAS QUANDO VINDAS DOS EMISSÁRIOS DO SENHOR, CUJO REPERTÓRIO SE CIRCUNSCREVE À GLORIAS, SANCTUS, BENEDICTUS E QUEJANDOS.

SE O CRIADOR, TÃO AVARO, NOS TEMPOS MODERNOS, EM SINAIS DA SUA OMNIPOTÊNCIA, OMNISCIÊNCIA E OMNIPRESENÇA, SE DIGNOU PROMOVER ESTA CELESTIAL APARIÇÃO, CABE-NOS A NÓS INTERPRETÁ-LA, E AGORA É QUE A PORCA TORCE O RABO, SE NOS É PERMITIDO CONVOCAR ANIMAL DE TÃO HUMILDE CONDIÇÃO PARA O DEBATE DE ASSUNTOS TÃO TRANSCENDENTES, OU SEJA, SERÁ SINAL DE ENTRADA FRANCA DE ARLINDO FAGUNDES NOS CAMPOS ELÍSIOS, OU TRADUZIRÁ A INAPELÁVEL CONDENAÇÃO DO EX-APANHADOR DE CÃES ÀS PROFUNDAS DO INFERNO.

INQUIRIDOS OS ENTENDIDOS NESTES TEMAS DE PECADOS E PERDÕES, SALMOS E CÂNTICOS, RESPECTIVAMENTE O PADRE AMÉRICO NABAIS, EMINENTE TEÓLOGO, E ARNALDO MUZAQUE, CRÍTICO MUSICAL NO SEMANÁRIO "BLITZ", ALGUMA LUZ FOI LANÇADA SOBRE A QUESTÃO EM APREÇO.

SEGUNDO O ÚLTIMO, SERIA CERTA E SEGURA A ENTRADA DE ARLINDO FAGUNDES NO PARAÍSO, POR O INGRESSO NAQUELE RECINTO ESTAR, NOS TEMPOS QUE CORREM, MUITO FACILITADA, AO QUE CONSTA ATÉ OS MACACOS VÃO PARA O CÉU, DISSE, CITANDO UMA AUTORIDADE NA MATÉRIA, OS "PIXIES", PROFETAS D'ALÉM-ATLÂNTICO, PARAGENS MUITO ABUNDANTES NESTA ESPÉCIE, AOS PROFETAS E NÃO AOS MACACOS NOS REFERIMOS, QUANTO AOS ANGÉLICOS CANTOS OPINOU QUE SE TRATAVA DE UMA PIRATARIA POR SAMPLING DA OBRA DOS "ENIGMA".

O PADRE AMÉRICO NABAIS NÃO CITOU PROFETAS NEM AS SAGRADAS ESCRITURAS, LIMITANDO-SE A PROPÔR QUE A APARIÇÃO DO CORO CELESTE NADA TIVERA A VER COM ARLINDO FAGUNDES, QUE O ENTERRAMENTO DESTE COINCIDIRA SIMPLESMENTE COM O PROTESTO DOS ANJOS CONTRA A MONOTONIA DA EMENTA PARADISÍACA.

FORTE CELEUMA DESENCADEOU ESTA INTERPRETAÇÃO NOS MEIOS TEOLÓGICOS, POR PÔR RESERVAS À PERFEIÇÃO DO REINO CELESTE, E LOGO NUM ASPECTO TÃO CRÍTICO COMO A ALIMENTAÇÃO, IMAGINE-SE O LEITOR SUJEITO A DIETA DE CALDO DE GALINHA OU PERÚ LIOFILIZADO PÁRA TODA A ETERNIDADE, O SEGUNDO EXEMPLO, DO PERÚ LIOFILIZADO, NÃO FOI BUSCADO AO ACASO, NA FALTA DE MELHOR INFORMAÇÃO, ASSEMELHOU-SE A COMIDA QUE SERÁ SERVIDA NO CÉU ÀQUELA QUE É CONSUMIDA NAS PARAGENS MAIS PRÓXIMAS E QUE É A QUE SUSTENTA OS COSMONAUTAS.

COMO SE O CASO NÃO FOSSE JÁ BASTANTE COMPLICADO, OCORREU QUE ESTANDO O PADRE AMÉRICO NABAIS A PESCAR, NUMA PLÁCIDA MANHÃ DE DOMINGO, FOI FULMINADO POR UM RAIO, ORA SE A FULMINAÇÃO É UMA MANIFESTAÇÃO INEQUÍVOCA DE DESAGRADO DIVINO, RESTA PORÉM A DÚVIDA SE O DESCONTENTAMENTO DO PAI ETERNO ADVIRIA DAS DECLARAÇÕES DO PADRE AMÉRICO A DENEGRIR A QUALIDADE DO SERVIÇO NOS REFEITÓRIOS DO PARAÍSO, OU DE O PÁROCO ESTAR A RECREAR-SE QUANDO ERA SEU DEVER A PREGAÇÃO DO SERMÃO DOMINICAL.

SOBRE O REPUTADO CRÍTICO MUSICAL, PESE EMBORA O NOME DO SEMANÁRIO PARA QUE ESCREVE, NÃO SE ABATEU NENHUM RELÂMPAGO, NEM QUALQUER OUTRA EXPRESSÃO DE IRA DIVINA, A NÃO SER QUE ESTA TENHA ESTADO NA ORIGEM DO INEXPLICÁVEL APARECIMENTO DE RISCOS EM TODA A SUA DISCOGRAFIA DOS "RESIDENTS".

RA
Sistemas Informaticos

Como todos sabemos, a DC é a editora responsável pelo aparecimento de lendas tão importantes para a cultura ocidental contemporânea como o Super-Homem e o Batman. A imagem que nós temos da DC é a de uma editora que vai perpetuando

DC COMICS
um gigante inovador

1/3 - Perspectiva Geral

em histórias infindáveis a densa mitologia por ela criada, vendendo direitos e amealhando milhares de dólares com o processo. Poucos reconhecerão, contudo, que a DC tem uma enorme capacidade de auto-renovação. Menos ainda seriam capazes de afirmar que a DC é a principal responsável pelo facto dos comics norte-americanos terem atingido a maioridade.

Killing Joke © DC Comics

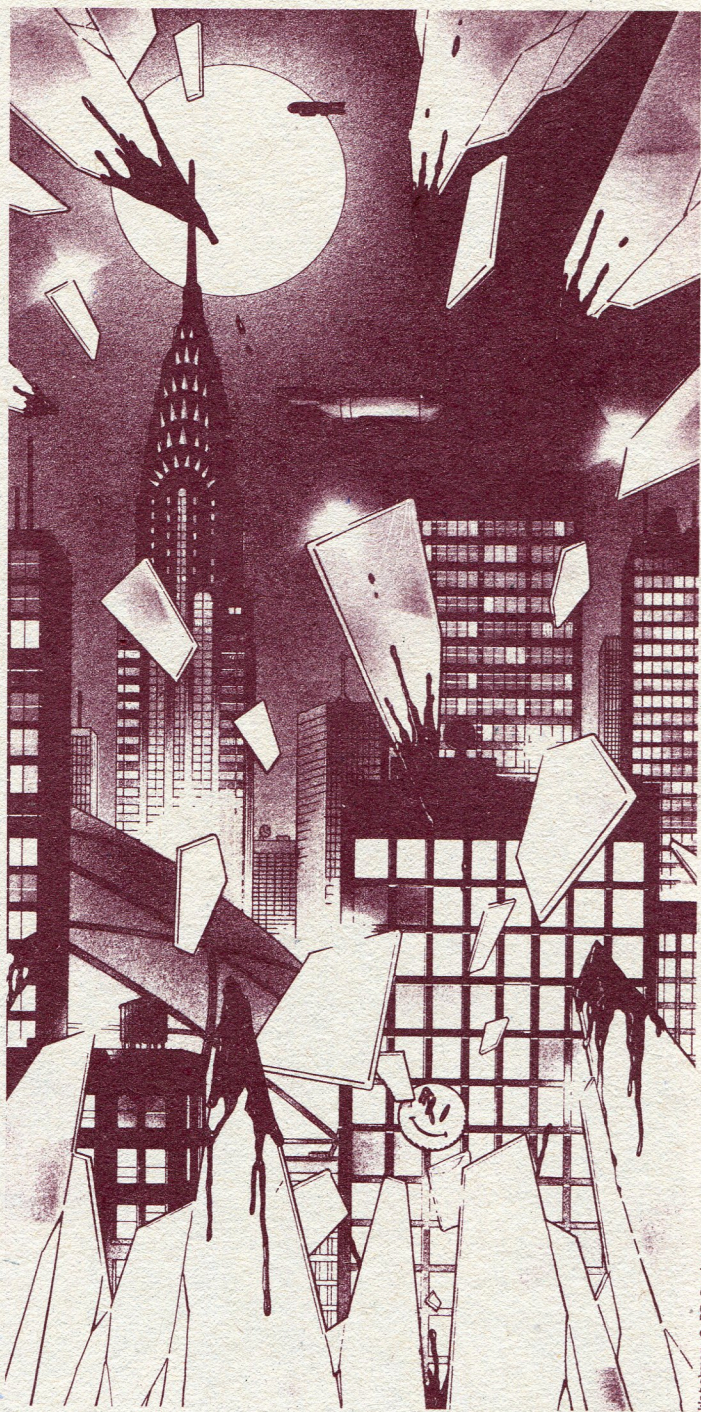
A DC não foi a pioneira da "adultificação" dos comics nos E.U.A.. Esse mérito cabe seguramente às independentes, que não quiseram esperar pelo aval das "majors" para avançar na inovação e experimentação dentro dos comics. Sempre patente nestes primeiros passos está a influência da BD europeia, que no princípio da década de 80 tinha algum impacto nos Estados Unidos através da revista Heavy Metal, e a influência mais próxima da cena underground (com Robert Crumb e Harvey Kurtzman como figuras paternais). É a época áurea para independentes como a Capital, a First, a Pacific, a Eclipse e a Comico. BDs como Raw (lançada em 80 e ainda publicada hoje), American Flagg! (da First, de 83) e Cerebus (auto-editado por Dave Sim) são marcos históricos que viriam a influenciar nomes como Frank Miller e Alan Moore.

A própria Marvel respondeu com mais prontidão que a DC a esta nova tendência - a revista Epic Illustrated de 79, da qual sairiam nomes como Jon J. Muth, Kent Williams e George Pratt, segue dogmaticamente o modelo Heavy Metal. Ganha a aposta Epic Illustrated, a Marvel lança a linha Epic em 82. É na Marvel que mais se fazem sentir os esforços na tentativa de revolucionar o sistema por dentro. Depois dos esforços extravagantes (e relativamente inconsequentes) por parte de nomes como Steve Gerber (nas revistas Man-Thing e Howard the Duck) durante os anos 70, eis que surge em 80 um nome que transformaria radicalmente uma das revistas da primeira linha da Marvel - Daredevil. O responsável pela façanha é, claro está, Frank Miller. Este senhor provou que, maturidade de argumentos não era incompatível com super-heróis e que sofisticação narrativa não significava insucesso de vendas (muito pelo contrário, neste e noutros casos).

E é neste ponto que a DC entra no jogo. Frank Miller, achando que a Epic não é a melhor editora para o seu projecto Ronin, edita esta obra na DC (em 83). Pouco depois, o britânico Alan Moore começaria a assinar os argumentos da revista Swamp Thing.

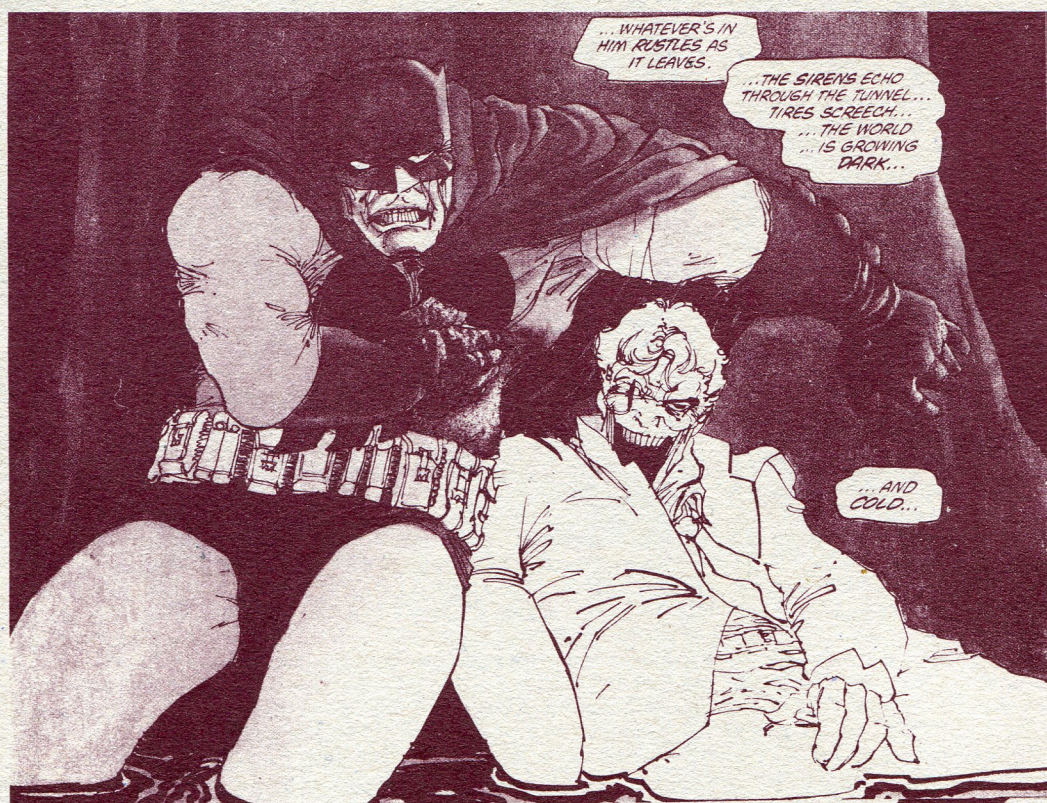
Os Marcos DC: Watchmen e Dark Knight

86 foi o ano chave para a DC. Nesse ano, são lançadas as duas obras que mais impacto tiveram na história recente dos super-heróis - Dark Knight e Watchmen. É impossível imaginar o que seria a BD sem estas duas obras. É certo que os super-heróis estão ainda presentes, mas são decerto muito diferentes daqueles criados por Stan Lee em 63. Miller e Moore parecem empenhados em criar herois em que possamos acreditar. Estas BDs têm em comum o objectivo de revitalizar velhos herois- Batman, no caso de Dark Knight, e os heróis da falecida Charlston, dos quais a DC havia recentemente adquirido os direitos, no caso de Watchmen. No entanto, a DC puxaria o tapete a Moore, alegando ter outros planos para os heróis Charlston. Moore teve que fazer as necessárias adaptações (por exemplo, Captain Atom foi adaptado para Dr. Manhattan). O mais importante, contudo é que estas obras tiveram muito mais influência do que outras anteriores, vindas dos independentes, porque conseguem a renovação/revolução nos comics por dentro, integrando-se no "mainstream".

Ambas as obras são radicalmente diferentes de tudo o que se via na época, não só materialmente (aliás, outra coisa não seria de esperar de Miller e Moore), mas também formalmente. Dark Knight foi a primeira revista a adoptar o modelo Prestige Format, um meio termo entre o comic book e a Graphic Novel (formato inventado por Jim Shooter para a Marvel, baseada no nosso bem conhecido Album, de origem Franco-Belga). Watchmen usa uma

complexa e coerente lógica entre todos os seus componentes, desde a capa e contracapa às citações usadas no fim de cada capítulo. As capas de Watchmen são as primeiras em comics a nunca usar nenhum tipo de personagens - aquelas funcionam sempre como um close-up de um pormenor de background do primeiro painel de cada um dos doze episódios.

Dark Knight, embora menos ambicioso que Watchmen, é igualmente subversivo, já que introduz num super-herói mundialmente famoso uma importante componente realista e uma análise (caricatura?) inteligente do quotidiano das grandes metrópoles. Miller, mais que ninguém, dá liberdade de expressão a Gotham City, vinca-lhe o seu carácter gótico e dota-a de uma influência determinística sobre os seus habitantes, à semelhança de outra BD admirável, Mister X. Dark Knight parece ter sido escrito por uns Schuiten e Peeters após uma viagem a Nova Iorque e uma overdose de comics de super-herois. Esta visão viria a marcar as próprias versões cinematográficas de Batman (com destaque para a segunda).

Watchmen é uma obra de difícil classificação. Nela, Alan Moore demonstra total domínio sobre as técnicas de narração em BD. Moore mostra também ser um autor extremamente culto, social e politicamente ilucidado. A originalidade de Watchmen, contudo, não é a adultificação dos super-heróis - isso já havia sido conseguido antes (nomeadamente por ele próprio, em Miracleman). Moore dá um passo em frente - introduz uma sofisticação e complexidade narrativa raramente vista em qualquer área, cinema e literatura incluídos. Mas, como se sabe, o domínio da técnica não implica excelência de conteúdo. E Watchmen não é a obra de Moore mais bem conseguida a nível de conteúdo, longe disso. Mas traz-nos uma mensagem importante - a de que o super-herói está morto. Houve quem tivesse percebido e começasse a dedicar-se à BD a sério.

Com o sucesso de Dark Knight e Watchmen, as editoras queriam "adultificar" mais as suas BDs, renovar as suas personagens. Como é óbvio, isto levou a alguns equívocos (por exemplo, a renovação de Superhomem em Man of Steel). Mas, no geral, houve uma maior abertura em relação a comics com menor enfase nos super-herois.

Gerir o Sucesso

A DC conseguiu com admirável eficácia gerir as expectativas criadas por Watchmen e Dark Knight. Por um lado lança inúmeras obras (umas vezes mais bem conseguidas, outras menos, é certo) dedicadas a Batman, das quais se salientam Batman Year One de Miller, Killing Joke de Moore e, posteriormente, Arkham Asylum. Por outro lado, esta editora investe também nos novos talentos britânicos, tentando encontrar um novo Alan Moore. Assim, surgem BDs como Hellblazer, Black Orchid, Sandman, Shade the Changing Man e a já citada Arkham Asylum. O próprio Moore publica na DC, antes de se retirar da cena dos super-herois, a sua obra V for Vendetta. Para além disso, a DC aposta também em BDs com uma vertente visual mais requintada (tornada muito em voga após as BDs da Epic Moonshadow e Blood), como Enemy Ace, Books of Magic (com a sua continuação, Mister E), Kid Eternity, World Without End e Tell Me, Dark. Para a DC vão afluindo também autores de áreas independentes que encontram na DC um lar para as suas deambulações creativas. É o caso de Howard Chaykin, com as BDs Blackhawk e Shadow (esta última seria continuada, após o seu abandono, por notáveis como Bill Sienkiewicz e Kyle Baker).

A Reacção das Outras Editoras

Estava encontrado um novo e grande mercado para os comics - o público adulto. Bem explorada, esta fatia do mercado poderia ser muito generosa, já que possui muito mais poder de compra que os teenagers, habituais consumidores de comics. Podiam-se experimentar novos formatos, com melhor papel e cor. Esta nova geração é constituída por antigos apreciadores de comics, que cedo se irritaram com a imaturidade do género, como por pessoas para quem a BD é uma novidade. É este segmento, sem dúvida, o de maior potencial. As principais editoras cedo se aperceberam deste facto, partindo rapidamente para a corrida ou dando novo fôlego a uma política de qualidade nos seus comics que anteriormente não tinha dado grandes frutos.

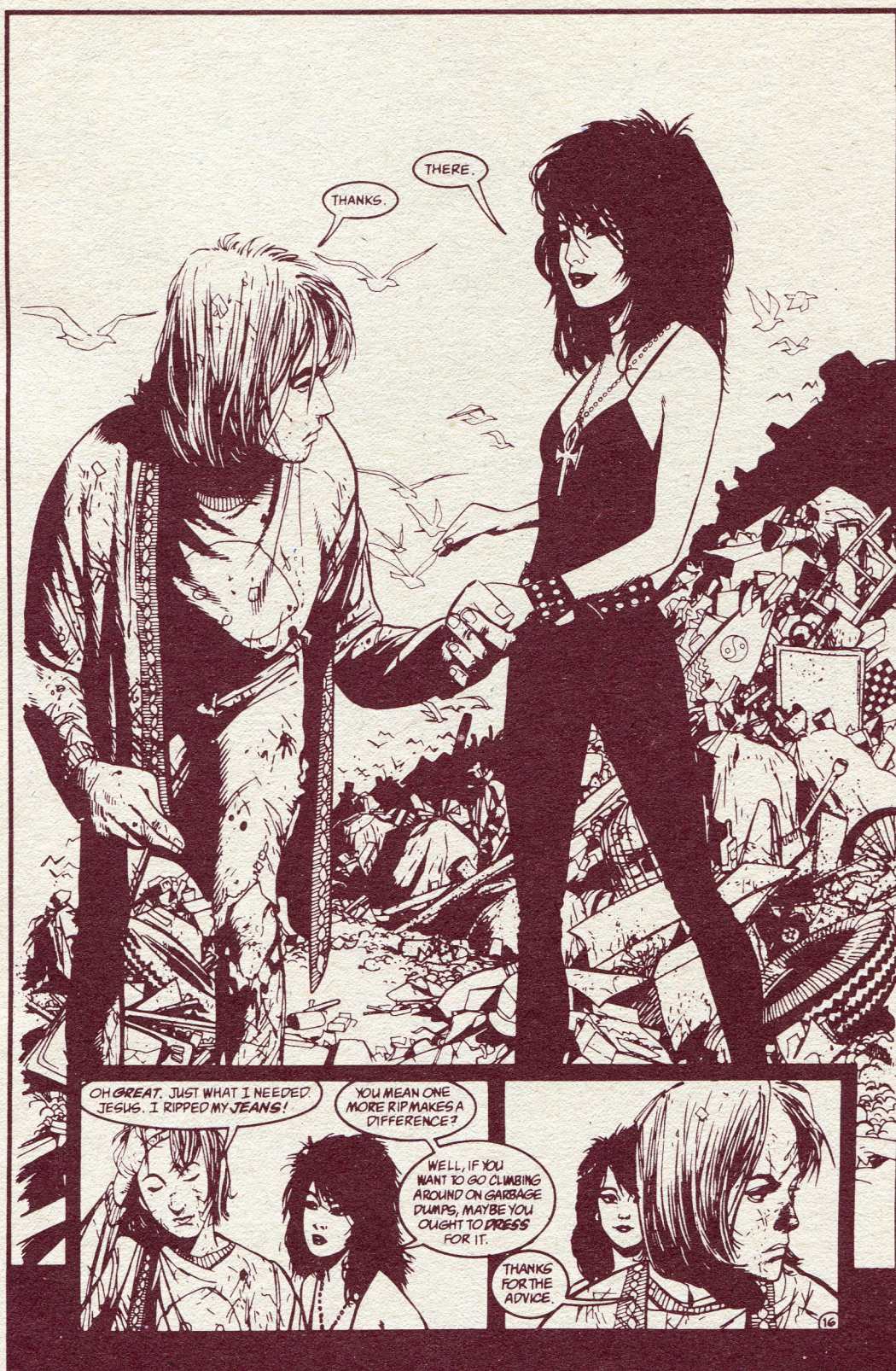
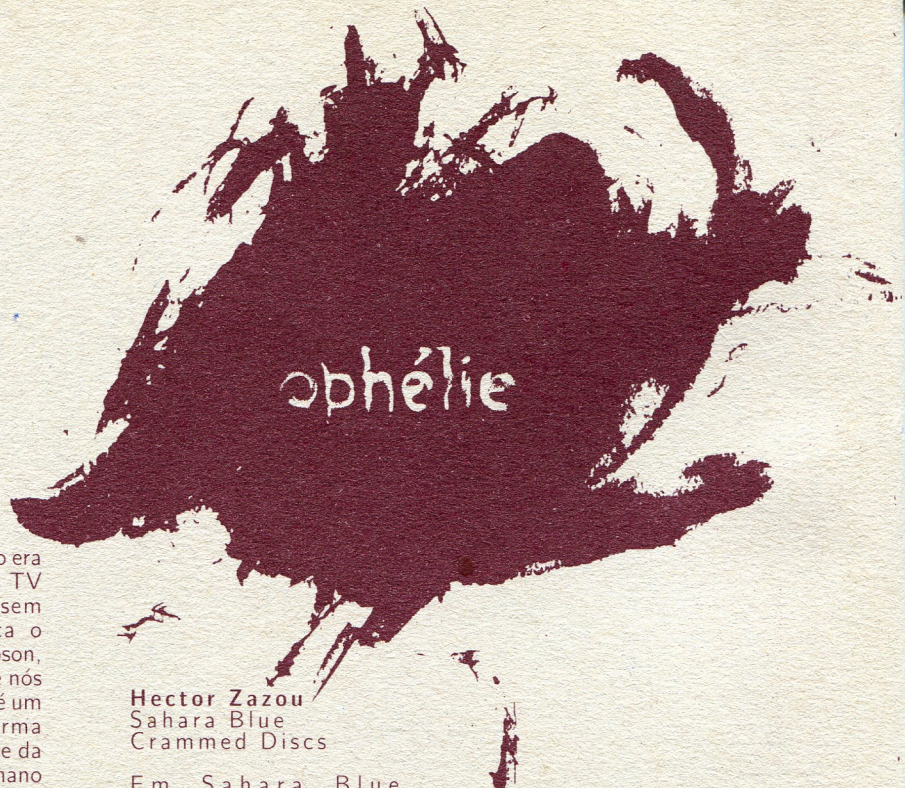
A Epic, mais ou menos simultâneamente com o fenómeno Dark Knight - Watchmen edita as muitíssimo influentes BDs Moonshadow e Blood. Um pouco na onda da crítica aos super-heróis de Watchmen surge Marshal Law, também da autoria de dois britânicos. Frank Miller vê também publicadas nesta editora obras suas, já que esta detém os direitos das personagens sobre as quais Miller se debruça - Elektra Assassin, a que se seguiria, uns anos mais tarde, Elektra Lives Again e Dardevil Love & War, esta última para a editora mãe Marvel. A tentativa de alcançar um público pouco habituado à BD está também patente em BDs como Hellraiser e Akira. A primeira é uma compilação de histórias baseadas na série de filmes com o mesmo nome, a segunda é uma BD japonesa com um ritmo bastante diferente do habitual nos Estados Unidos, mais cinematográfico. No entanto, a Epic não tem sabido manter uma linha editorial coerente.

Algumas editoras independentes não conseguiram aguentar o ritmo da corrida com as "majors", que entretanto já entraram na sua faixa do mercado. Enquanto que anteriormente sabiam que tinham a preferência do público que buscava algo mais adulto, agora vêem-se abandonadas, tanto pelo seu público como pelos seus autores, que são melhor pagos em editoras mais fortes. Como exemplos, poder-se-á citar a First e a Pacific, que desapareceram, e as economicamente debilitadas Comico e Eclipse.

Outras independentes aguentaram a batalha, ganhando com a competitividade. É o caso da Fantagraphics, que conta com uma política editorial coerente, com um público fiel, com artistas de peso e com vistas editoriais largas, mantendo sempre um olho no underground; da Dark Horse, que continua a oferecer excelentes condições aos autores de controle das suas criações e não tem medo em enveredar por áreas mais comerciais, optando pelo "licensing"; da novata Tundra, que aposta na qualidade e inovação, dispondo, paradoxalmente, de um sólido apoio financeiro de um dos criadores das Tartarugas Ninja; e das mais pequenas Vortex, Slave Labor, Kitchen Sink e Caliber.

A Resposta da DC

A forma que a DC encontrou para continuar na liderança dos Comics para adultos foi a de criar editoras subsidiárias, um pouco à semelhança do que a Marvel havia feito com a Epic. Essas editoras são a Piranha Press, vocacionada para um público menos familiarizado cam a BD, e a Vertigo, que funciona para conferir maior coerência editorial a revistas da sua linha, como Swamp Thing, Hellblazer, Sandman, Shade the Changing Man, Doom Patrol e Animal Man, assim como dar abrigo a outros projectos semelhantes. Nuno A. N. Correia

No próximo número: Piranha Press

Jesus Jones
Perverse
Food Records

"O céu por cima do porto era da cor de um aparelho de TV sintonizado num canal sem emissão". Assim começa o célebre livro de William Gibson, Neuromante (editado entre nós pela Gradiva). Neuromante é um livro que constrói de forma admirável um mundo à base da informática, onde o ser humano é, em última análise, um pedaço de informação digitalizável. A verdade é que as visões de Gibson vão parecendo cada vez mais concretizáveis - computação multimédia, realidade virtual, ciberespaço e televisão 3D são hoje realidade.

A estética ciberpunk criada por Gibson e comparsas tem já apologistas no meio musical. Entre os arautos da toda-poderosa tecnologia em que se inclui a corrente techno, os veteranos são os Young Gods e os Jesus Jones. Os primeiros não deixam dúvida das suas influências no título do seu último álbum, Tv Sky (uma clara alusão à tal primeira fase de Neuromante). Os segundos, continuando temáticamente fieis à corrente ciberpunk - patente desde o seu primeiro single, Info Freako - dão no seu recente terceiro álbum um passo em frente para uma maior informatização musical. Tudo em Perverse é digitalizado e tratado por computador. É óbvio que os pioneiros nesta história toda são os Young Gods, que desde o início da sua carreira constroem edifícios sonoros simplesmente com "samples", bateria e voz.

Os Jesus Jones apressaram-se já a reconhecer a paternidade, afirmando que Tv Sky é o primeiro álbum Rock dos anos 90. Segundo eles, o segundo seria Perverse. Nesta atitude, encontra-se resumida a natureza dos Jesus Jones. São uma banda com uma noção aguçada do mundo que os rodeia, das novas tendências musicais e que querem ser inovadores, acabando sempre por ser ultrapassados por alguém mais brilhante, confirmando a teoria de que boas influências e boas intenções não chegam para fazer um grande álbum.

Falta genuinidade em Perverse. Os Jesus Jones, apesar de já não usarem a tecnologia como mero adereço, ainda não concretizaram o seu objectivo de conseguir um bom cruzamento entre techno e rock (muito por culpa da voz de Mike Edwards). NC ■■■

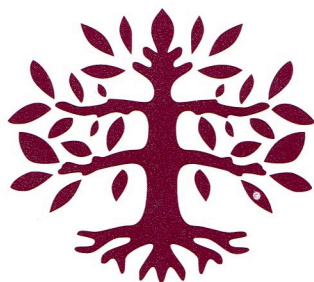
Hector Zazou
Sahara Blue
Crammed Discs

Em Sahara Blue, Hector Zazou consegue repetir a proeza do anterior Les Nouvelles Polyphonies Corses: dirigir e harmonizar um invejável "cast" de convidados de modo a manter a sua estética pessoal.

Hector Zazou já havia provado que era um magnífico escultor de ambientes em Geologies e Geographies. Agora, Zazou mostra-nos a sua faceta de ilustrador. Sahara Blue é uma homenagem ao poeta Rimbaud, para a qual Zazou recrutou nomes como Ryuichi Sakamoto, David Sylvian, Keith Leblanc, Tim Simenon, Bill Laswell, Khaled, John Cage e , pasme-se, Gérard Depardieu.

Hector Zazou gere de forma admirável os seus convidados, de modo a conseguir uma coerência apreciável entre texto e música.

Em First Evening, por exemplo, a sensualidade do texto encontra um paralelo perfeito nas texturas musicais criadas por Zazou e companhia. Em I'll Strangle You, a expressão "et je danse" pronunciada por Depardieu é prontamente seguida pela descarga rítmica a cargo dos Bomb The Bass (Tim Simenon com Keith Leblanc) e Bill Laswell. Expressões como "heart and stones", "rocks and coals" suplicam por uma ambiência árida, ao qual Hector Zazou responde com um bizarro "blues" ambiental em Hunger.

Poucos conseguem como Zazou sintetizar elementos originários de civilizações distintas numa nova e coerente linguagem musical (Sakamoto e David Byrne são outros dos eleitos). Um álbum como Sahara Blue é sempre bem vindo. NC ■■■■

assinatura de 6
números e apenas
1.900$00

©UADRADO

Juntos Novamente

Mercado Ferreira Borges, de 1 a 10 de Outubro de 1993

SIBDP *s. m.* **1**. Salão Internacional de Banda Desenhada do Porto **2**. Grande acontecimento bedéfilo português e europeu para pessoas que gostam de Banda Desenhada **3**. A associação que cria, produz e organiza o evento.

PORTO *s. m.* (lat. *portu*). **1**. Lugar numa costa onde o mar penetra na terra, oferecendo um abrigo aos navios **2**. *fig.* lugar de repoiso, de descanso, de abrigo **3**. vinho afamado da região do Douro, e cujo principal centro comercial é a cidade do Porto **4**. cidade do norte de Portugal onde se realiza o 7º SIBDP (ver em cima), em Outubro de 1993.

Salão Internacional de Banda Desenhada do Porto
Salon International de la Bande Dessinée du Porto
Oporto International Comics Festival